

A portabilidade da Bíblia a uma nova escala: a Sociedade Bíblica e o projeto de universalização das Escrituras (séc. XIX)*

R I T A M E N D O N Ç A L E I T E

Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR-UCP)
Centro de História (CHUL-FLUL/UL)
ritamenleite@gmail.com

Resumo: A institucionalização da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) no século XIX na Grã-Bretanha (re)colocou o problema da portabilidade da Bíblia a uma nova escala, procurando concretizar um plano de universalização do acesso aos textos bíblicos. O caso específico da implementação da SBBE em Portugal ao longo daquele século foi parte integrante desse projeto, ao mesmo tempo que tornou bem patente o modo como aquela institucionalização do religioso se estruturou sobre dois níveis: o proselitismo e a dimensão económica, sucessivamente trabalhados no âmbito de fronteiras ambíguas e flutuantes. Este artigo foca-se no modo como a ação da SBBE em Portugal potenciou a portabilidade e materialidade das Escrituras a favor da disseminação de um Texto que definia como sendo sagrado.

Palavras-chave: Sociedade Bíblica, Escrituras, Livro, Edições bíblicas, Colportor.

The portability of the Bible on a new scale: the Bible Society and its project to universalize Scriptures (19th century)

Abstract: The institutionalization of the British and Foreign Bible Society (BFBS) in the 19th century in Great Britain has (re)placed the problem of the portability of the Bible on a new scale, envisaging the implementation of a plan for the universalization of the biblical texts. The activity BFBS developed in Portugal along that century was an intrinsic part of that project and it also made clear how that institutionalization of the religious was structured on two levels: proselytism and its economical dimension, successively operated in a context of ambiguous and floating boundaries. This paper focuses on the action of the BFBS in Portugal has a promoter of the portability and materiality of the Scriptures, namely through colportage, as a mean of disseminating a Text that was defined as sacred.

Keywords: Bible Society, Scriptures, Book, Biblical editions, Colporteur.

* Este artigo é parte integrante de uma investigação mais lata desenvolvida no âmbito do projeto de doutoramento da autora em torno do tema: "Texto e Autoridade. Diversificação sociocultural e religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)", financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/61749/2009).

1. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira: um projeto de universalização dos textos bíblicos

No seio do cristianismo, como a sua história bem o demonstra, a aceção das Escrituras nunca foi homogênea, sendo que a Bíblia nunca foi uma realidade unívoca nem mesmo no interior do universo protestante, no âmbito do qual, sendo unanimemente valorizada como ocupando um lugar absolutamente central, foi objeto de múltiplas interpretações relativas à natureza e funcionalidade do seu papel enquanto instrumento de transmissão da mensagem cristã. A Bíblia serviu, pois, de base para um processo de fragmentação que em grande medida alimentou um longo conflito no âmbito do qual a violência como vivência tendeu progressivamente a transformar-se num debate sobre a problemática da autenticidade e da legitimidade. No século XIX o movimento encetado em torno da criação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) ocupou aí um lugar essencial, dinamizando uma discussão e uma dinâmica latas que não se restringiram nem à Grã-Bretanha, nem à Europa, mas ao mundo inteiro.

O processo de estruturação da SBBE foi encetado em Inglaterra nos finais do século XVIII¹ e em grande medida espoletado por uma questão prática e muito concreta, que haveria de dar lugar à dinamização de um movimento amplo e complexo: a falta de Bíblias em galês e a incapacidade das instituições até aí formadas para dar resposta a essa escassez. A Society for Promoting Christian Knowledge (SPCK)², formada em 1698, procurou responder àquela escassez ordenando, em 1796 a edição de 10 000 cópias da Bíblia, do Livro de Oração Comum e dos Salmos em galês, juntamente com uma edição extra de 2 000 Testamentos, cuja distribuição teve lugar no País de Gales em 1799. No entanto, e na sequência da quase automática absorção daquelas edições, cedo se averiguou da insuficiência daquela medida, o que se traduziu nos apelos de parte significativa da população galesa não contemplada naquelas distribuições³.

Neste período, existiam já, juntamente com a SPCK, na Grã-Bretanha, várias sociedades religiosas direta ou indiretamente relacionadas com a distribuição das Escri-

1 No âmbito da historiografia sobre a SBBE, já substancialmente profusa, importa destacar quatro obras fundadoras fundamentais: John Owen – *The History of the origin and first ten years of the Bible Society*. 3 volumes (1816-1820); George Browne – *The History of the British and Foreign Bible Society. From its institution in 1804, to the close of its jubilee in 1854*. 2 volumes (1859); William Canton – *A history of the British and Foreign Bible Society*. 5 volumes (1904-1910) e James Moulton Roe – *A History of the British and Foreign Bible Society, 1905-1954* (1965). Mais recentemente, os estudos de Roger Steer – *Good News for the World. 200 years of Making the Bible Heard: The Story of Bible Society* (2004) e de Stephen Batalden, Kathleen Cann e John Dean (ed.) – *Sowing the Word. The Cultural Impact of the British and Foreign Bible Society, 1804-2004* (2006), constituem também bibliografia incontornável nesta matéria.

2 Com membros britânicos, essencialmente ligados à Igreja de Inglaterra, e correspondentes estrangeiros, essencialmente originários de países de maioria protestante, era responsável não apenas pela edição e distribuição de Bíblias, Livros de Oração Comum e tratados religiosos, mas também pela construção de escolas e pelo patrocínio de missões estrangeiras, designadamente nos territórios indianos.

3 John Owen – *The History of the origin and first ten years of the Bible Society*. Vol. I. London: Tilling and Hughes, Grosvenor-row, Chelsea, 1816, p. 11.

turas, designadamente: a Society for the Propagation of the Gospel in Foreign Parts (1701); a Society in Scotland for propagating Christian Knowledge (1709); a Society for promoting Religious Knowledge among the Poor (1750); a Bible Society (1779); a Society for the Support and Encouragement of Sunday Schools (1785); a French Bible Society (1792); a Association for Discountenancing Vice and Promoting Christian Knowledge (1796); e, finalmente, a Religious Tract Society (1799), de que várias das figuras que liderariam o movimento em torno da SBBE faziam já parte.

Com campos de intervenção devidamente definidos, nenhuma destas instituições tinha capacidade para responder àquele tipo de apelos. Nesse sentido, da discussão sobre as necessidades internas da Grã-Bretanha, denunciadas pelo caso do País de Gales, surgiu um debate alargado sobre a urgência da inauguração e dinamização de uma “permanent supply of the Holy Scriptures, not only to the inhabitants of Wales, but to the whole human race”⁴. Deste modo, desde cedo, nas origens da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira se aliou à resposta às exigências endógenas o planeamento de um projeto global, centrado na noção do carácter permanente de um propósito: a distribuição das Sagradas Escrituras, e na definição ampla de um público-alvo: a humanidade.

No final do ano de 1802, encetou-se em Londres uma série de conversações entre membros de várias denominações sobre a necessidade de se suplantar o objetivo restrito de aprovisionamento da Bíblia em galês e de se tomarem medidas no sentido de promover uma discussão pública sobre a urgência de uma dispersão geral das Escrituras. Nos inícios de 1803, Joseph Hughes (1769-1833)⁵ foi incumbido de escrever um ensaio no sentido de explanar a importância e praticabilidade do projeto em causa, de modo a que o mesmo pudesse ser colocado sob escrutínio público, o que resultou na publicação do texto *The Excellence of the Holy Scriptures and Argument for their more General Dispersion at Home and Abroad*⁶. Organizando uma listagem das sociedades religiosas existentes, Hughes apontava também os seus limites e a incapacidade para executarem o trabalho de distribuição generalizada, valorizando simultaneamente a importância da criação de uma instituição cristã ampla, constituída com o propósito único de fazer circular as Sagradas Escrituras e indicando um conjunto de vantagens imediatas mas também indiretas que resultariam da operacionalização de uma associação daquele tipo. O autor fazia também apelo ao espírito patriótico dos seus leitores, motivando-os com a ideia de que deveriam ser os britânicos os “parents of the first Institution that ever emanated from one of the nations of Europe, for the express purpose of doing good to all the rest”⁷, integrando aquele plano num âmbito mais amplo que não se restringiria

4 John Owen – *The History of the origin and first ten years...*, vol. I, p. 15.

5 Joseph Hughes desempenharia depois funções como Secretário da SBBE.

6 Cf. Joseph Hughes – *The Excellence of the Holy Scriptures and Argument for their more General Dispersion at Home and Abroad*. Second edition. London: Printed by Thomas Bensley, Bolt-Court, Fleet-Street, 1803.

7 Joseph Hughes – *The Excellence of the Holy Scriptures...*, p. 25.

apenas ao continente europeu, mas que envolveria potencialmente o contacto com “every quarter of the globe”⁸. Cópias deste apelo de trinta páginas foram distribuídas por diferentes canais, tendo desempenhado um importante papel no debate sobre o tema e sobre a oportunidade de um projeto desta índole.

Simultaneamente, a frente continental do projeto foi rapidamente organizada, sob a liderança do Rev. Karl Steinkopff (1773-1859)⁹, ministro da Igreja Luterana Alemã em Londres, que se voluntariou para participar da promoção do projeto na Europa, onde, ao longo de 1804, estabeleceu contacto com vários líderes religiosos e trabalhou com várias associações cristãs, tendo sido também incumbido de inquirir sobre a necessidade de Escrituras nas cidades que visitasse. Inquéritos da mesma espécie foram durante aquele período dirigidos à Irlanda e outras partes do Reino Unido, também através de algumas publicações periódicas e sob a forma de questionários que procuravam atestar da necessidade da distribuição dos textos bíblicos e das potenciais condições para a execução dessa mesma tarefa.

Em janeiro de 1804, o projeto encontrava-se já em fase de execução. Do plano delineado a partir da ideia de uma “Society for promoting a more extensive circulation of the Holy Scriptures both at home and abroad”¹⁰ resultou uma designação mais sintética mas igualmente abrangente e que haveria de ser a definitiva: British and Foreign Bible Society (BFBS). Procedeu-se então à convocação de uma reunião pública, que acabaria por ter lugar a 7 de março de 1804, em Londres, formalizando a criação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e estabelecendo como único objetivo o de encorajar a uma maior dispersão das Sagradas Escrituras.

A língua portuguesa e Portugal foram desde cedo incluídos no plano da SBBE¹¹. Ao longo das décadas seguintes a Sociedade recrutaria o apoio de diversos correspondentes em Portugal continental e nos arquipélagos atlânticos, estruturando a partir daí uma rede de interlocutores que seria decididamente consolidada com o estabelecimento de uma Agência na cidade de Lisboa em 1864. Daí em diante a atividade da Sociedade Bíblica em Portugal seria dinamizada sob a coordenação desse “Agente”¹²,

8 Joseph Hughes – *The Excellence of the Holy Scriptures...*, p. 27.

9 Assim referido nas edições mais recentes era também por vezes citado como Charles Steinkopff.

10 John Owen – *The History of the origin and first ten years...*, vol. I, p. 32.

11 No trabalho da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira o projeto de distribuição das Escrituras em português antecede as primeiras intervenções em Portugal e acompanha as primeiras ações da SBBE. Sendo necessário distinguir aquele que foi o trabalho de distribuição da Bíblia em Portugal do objetivo de divulgação das Escrituras em português, questões que envolvem escalas completamente distintas e que correspondem a percursos autónomos, não se pode deixar de ter em conta que Portugal não foi o único país que justificou o investimento inicial da SBBE na impressão e distribuição das Escrituras em língua portuguesa. Durante o séc. XIX a instituição foi responsável pela distribuição de volumes em português em todos os continentes.

12 Um lugar ocupado ao longo do século XIX sempre por cidadãos britânicos: Francis H. Roughton (1833-1920), Agente da SBBE em Lisboa entre 1864 e 1869; James Tugman (1822-1896), entre 1869 e 1876; e Robert Stewart (1828-1906), entre 1876 e 1903.

posteriormente também designado como “Superintendente”, e estruturada sobre a articulação de diversos meios de distribuição.

A partir dos anos 60 do séc.XIX, a adoção de um sistema de circulação das Escrituras por vendedores ambulantes especificamente dedicados a essa atividade – os chamados “colportores”¹³ – tornou-se rapidamente no principal instrumento de circulação das Escrituras, resultado da eficácia do trabalho de um número variável de homens (e algumas mulheres, as chamadas “Biblewomen”) que lideraram o trabalho de distribuição diária, sistemática e abrangente dos textos bíblicos por todo o país. O contacto direto com a população e a reação da mesma em relação ao produto circulado, deu lugar a uma grande variedade de testemunhos, profundamente divididos entre os casos de abertura e acolhimento e o movimento de oposição e perseguição. A partir dos anos 80, a Sociedade Bíblica apostou também na abertura de locais fixos de venda – os chamados “Depósitos bíblicos” – que, com percursos e, sobretudo, com longevidade e eficácia consideravelmente distintos, se estabeleceram nas cidades de Lisboa, Porto, Funchal, Ponta Delgada e São Vicente.

Dinamizando a parte fundamental das transações ao longo do período em análise, a colportagem e os Depósitos não constituíram, porém, os únicos mecanismos de difusão dos volumes da SBBE em Portugal, tendo-se justaposto àqueles, ao longo dos anos, outros instrumentos como: as vendas a outras Sociedades a operar no país, as vendas através de meios privados e ocasionais, as encomendas dirigidas a outras Agências da SBBE em vários pontos do mundo e, por último, as doações.

As traduções de João Ferreira de Almeida (1628-1691) e de António Pereira de Figueiredo (1725-1797), vulgarmente designadas como a “versão protestante” e a “versão católica” da Bíblia em português, foram, ao longo do séc. XIX, distribuídas em simultâneo pela SBBE no nosso país, ambas a preços reduzidos, em diferentes formatos e em encadernações de tipo diverso, sendo que a Sociedade Bíblica lideraria o primeiro grande movimento de massificação dos textos bíblicos em Portugal.

13 O sistema de colportagem, isto é, de circulação das edições bíblicas por vendedores ambulantes especificamente dedicados a essa atividade – os chamados “colporteurs” – teve origem, conforme a designação indicia, em França na década de 20 do séc. XIX, tendo sido experimentalmente introduzido no Reino Unido nos anos 40 e ao longo daquele século definitivamente adotado e desenvolvido naquele contexto, onde se manteve o termo de origem francesa para designar tanto o sistema como os funcionários ao serviço do mesmo. Em Portugal, as primeiras solicitações em relação à necessidade de implantação de um sistema de colportagem e as primeiras propostas para uma discussão sobre a pertinência e o grau de adequação de um tal sistema ao país datam dos anos 30, portanto antes até daquele instrumento ter sido plenamente adotado no contexto britânico. Com a estruturação do sistema rapidamente se passaria a utilizar a expressão “colporteur” para designar aquela função específica de distribuição ambulante da Bíblia.

2. O valor das Escrituras: sacralidade, materialidade e portabilidade dos textos bíblicos

Procurando apresentar-se como uma instituição empenhada na concretização de um propósito universalizante, a SBBE não pôde deixar de assumir, nem procurou fazê-lo, uma posição num debate teológico e antropológico amplo que opunha essencialmente, e opõe ainda, uma visão do cristianismo e das Escrituras centrada na Encarnação, onde o papel do testemunho e das mediações assume uma importância fundamental; a uma outra visão alicerçada na definição da Bíblia como Revelação. O projeto da Sociedade Bíblica corporizava claramente esta segunda visão, conforme se explicitava já no âmbito das comemorações do seu 50º aniversário:

“The Society is founded on the principle of reverence for the Holy Scriptures of the Old and New Testament, as containing a revelation from God to men – a heavenly message addressed to all, and of supreme importance to every one of the human family. It further assumes that these ‘Oracles of God’ are to be looked upon by those who are so happy as to possess them, not simply as a treasure to be enjoyed for their personal benefit, but as a trust to be used by them for the benefit of others.”¹⁴

Aquela Revelação, definida como uma “mensagem universal” era também perspetivada como um vínculo de natureza quase contratual alicerçado na ênfase do carácter escriturístico da Palavra de Deus. Essa ênfase fica aliás bem explicitada no resul-

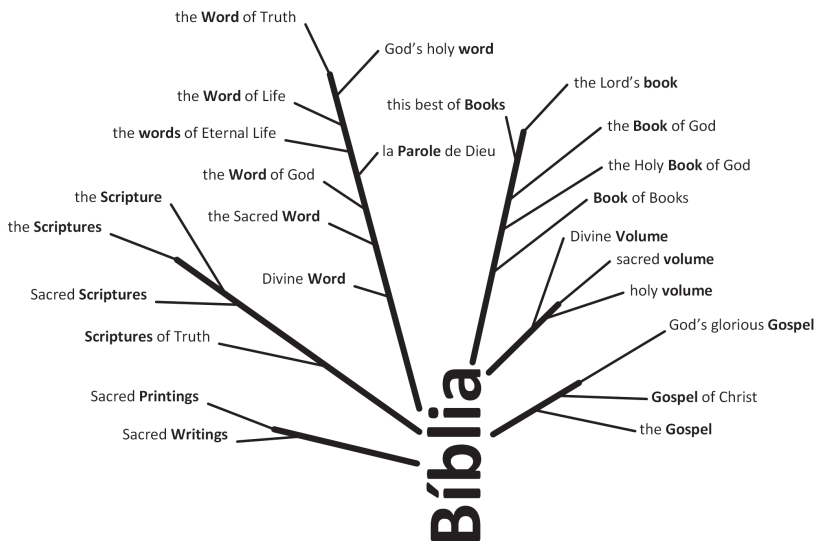


Figura 1 – Designações das Escrituras utilizadas na documentação compulsada.

14 George Browne – *The History of the British and Foreign Bible Society. From its institution in 1804, to the close of its jubilee in 1854*. Vol. I. London: Blackfriars, 1859, p. 3.

tado de uma sistematização simples das designações que ao longo do primeiro século de história da instituição mais frequentemente se utilizariam para nomear a Bíblia entre o universo de representantes, correspondentes e colaboradores da SBBE em Portugal:

Existindo um claro destaque para a ênfase da Bíblia enquanto Escritura Sagrada, existiu também um enfoque evidente na função das Escrituras enquanto texto e objeto – o “Livro”, o “Volume”, o “Escrito” – um objeto simultaneamente interior e público capaz de intervir na definição dos campos da legitimidade e da verdade e de se impor como autoridade por excelência. O carácter “sagrado”, “santo”, “divino” conferia-lhe um estatuto “verdadeiro” que distinguia aquele texto como sendo “o melhor” ou “o livro dos livros”, num destaque constantemente enfatizado pela utilização repetida do artigo definido antes das diferentes designações adotadas. Aquele Livro, enquanto depósito desta Verdade, constituía o objeto de trabalho da SBBE, que operacionalizou o seu projeto de universalização das Sagradas Escrituras desenvolvendo precisamente o potencial de portabilidade dos textos bíblicos, inovadoramente promovido e enormemente amplificado.

Naquilo que diz respeito à tipologia dos volumes circulados pela SBBE em Portugal, a instituição restringiu a sua ação a três tipos de edições: a Bíblia completa, o Novo Testamento (NT) e as chamadas Porções, isto é, um ou vários livros bíblicos publicados em formato separata. O Novo Testamento e, pouco depois, a Bíblia, foram os primeiros volumes a ser circulados em Portugal, sendo que as Porções só mais tarde, a partir dos anos 20 do séc. XIX, passaram a integrar o projeto editorial da SBBE e a ser circuladas no país. Na década de 80, e sobretudo a partir dos anos 90, assistimos a uma tendência clara de ultrapassagem do número de vendas desses volumes em relação aos NT's e Bíblias, numa orientação que foi reforçada pelo crescimento das vendas.

As potenciais virtualidades das Porções no trabalho de circulação bíblica em Portugal foram verificadas desde cedo no percurso da SBBE no país. Em meados dos anos 20, na Madeira, correspondentes britânicos na ilha como Elizabeth Brounlie e Thomas Edwards davam conta da excelente receção dos extratos do Antigo Testamento, ambos concordando da grande utilidade da publicação de Porções para uso nas escolas, sendo que o último explicitava a esse respeito:

“[...] on the subject of the small Edition of the Psalms and a few books of the Old Testament published in Portuguese by the Society. I have looked into it and think it likely to be useful as a gift to Scholars in the public and Lancastrian Schools in Madeira for good behaviour and if the Society fell disposed to send fifty or sixty copies with that view [...].”¹⁵

15 Thomas H. Edwards. Letter to Revd. Mr. John Jackson (London, 12th August 1825). Foreign Correspondents Inwards 'E' – BSAX/1/E – BFBS Archives – Cambridge University Library.

A edição a que Edwards se referia, também frequentemente designada na correspondência como os “select Books of Old Testament”¹⁶ ou “Four Books”¹⁷ correspondia a uma compilação dos Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Isaías que continuou a ser feita circular na ilha nas décadas seguintes, tanto por Edwards¹⁸ como por Robert Kalley (1809-1888)¹⁹ e cuja distribuição alargada ao continente e aos Açores foi apoiada respetivamente por figuras como Edward Whiteley, que as considerava potencialmente mais apelativas e sobretudo mais acessíveis²⁰, e W. H. Brant, que defendia também a utilização das Porções como o melhor instrumento para fazer face ao “estado religioso” das ilhas, na medida em que a ignorância dominante seria mais facilmente ultrapassada pela via de leituras mais breves que a Bíblia inteira²¹. Durante este período, os colaboradores da SBBE em Portugal foram também, com base na sua experiência no terreno, fazendo propostas ao Comité editorial da SBBE sobre as publicações a projetar para o país. Assim, Brant considerava:

“I am much pleased with the Select S. Scripture Work but I think that if it had commenced with the Book of Deuteronomy it would have better suited the Catholic Community [...]. The second reading of the Law of Moses would have a tendency to open their eyes to the imposition that has been practiced upon them, [...]”²²

Defendia-se claramente um trabalho de seleção dos textos bíblicos com um grau de adaptabilidade significativo em relação às necessidades identificadas na dinâmica de circulação, uma preocupação e uma estratégia que persistiriam ao longo da trajetória da Sociedade em Portugal.

Ao longo da história da Agência foram também vários os colaboradores que reforçaram a pertinência da aposta da SBBE na edição de excertos dos textos bíblicos, enfatizando no âmbito das razões atrás apontadas, a questão fundamental do preço a que aqueles volumes podiam ser transacionados. Assim, na década de 70

16 Cf. “The Twentieth Report of the British and Foreign Bible Society M.DCCC.XXIV”. In *Reports of the British and Foreign Bible Society with extracts of correspondence &c.* Volume the seventh for the years 1822, 1823 and 1824. London: Printed for the Society, By J.S. Hughes, s/d, p. 155.

17 Cf. “The Thirty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society M.DCCC.XLI”. In *Reports of the British and Foreign Bible Society, with Extracts of Correspondence. Volume the Thirteenth. For the Years 1840, 1841 and 1842.* London: Printed for the Society and Sold at the Society’s House, Earl-Street, Blackfriars, s/d, p. 116.

18 Cf. Thomas H. Edwards. Letter to Revd. John Jackson (Madeira, 9th November 1836). Foreign Correspondents Inwards ‘E’.

19 Que referiria em 1841: “Copies of the 4 Books will be exceedingly acceptable and there is reason to hope that they will be speedily dispersed.” (Robert Reid Kalley. Letter to Nathaniel Wathen [Funchal, 2nd September 1841]. Foreign Correspondents Inwards ‘K’ – BSAX/1/K – BFBS Archives – Cambridge University Library).

20 Cf. Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram (Oporto, 7th June 1837). Foreign Correspondents Inwards ‘W’ – BSAX/1/W – BFBS Archives – Cambridge University Library.

21 Cf. W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram (St. Michael’s, 7th June 1841). Foreign Correspondents Inwards ‘B’ – BSAX/1/B – BFBS Archives – Cambridge University Library.

22 W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram (St. Michael’s, [s/d] 1841 [Received 27th September 1841]). Foreign Correspondents Inwards ‘B’. Brant referia-se depois mais especificamente à necessidade de combate ao papel preponderante das imagens no âmbito daquele catolicismo romano.

figuras como Elizabeth Cassels, no Porto, aconselhavam: “If portions [...] of the Bible were to be printed by themselves, especially of the New Testament such as the Gospels separately [...] and sold at 10 and 20 reis each, it would be one way of furthering the circulation of the blessed Word, and be a great boon to the people”²³; estando em completa sintonia com a Agência em Lisboa cujo representante – James Tugman – considerava também que aquele seria um meio essencial para ampliar o conhecimento bíblico no país²⁴.

A nova edição em português dos Salmos de David, nos finais de 1873, procurou precisamente concretizar esse intuito, funcionando também como instrumento preparatório para a receção na nova edição da Bíblia de Almeida que se encontrava em processo de revisão. A edição teria, de facto, bastante procura e provocou efeitos imediatos nos números da circulação²⁵.

Com o estabelecimento da Agência, a tendência seria, no entanto, a de um recuo dos livros veterotestamentários em relação aos do Novo Testamento nas publicações em formato de Porção, sendo que nesse âmbito a SBBE respondeu também aos apelos de alguns dos mais antigos correspondentes em Portugal²⁶, ao mesmo tempo que viu reforçada essa linha de ação através da receção positiva de livros como os Evangelhos publicados em separata. O Agente Robert Stewart declarava a esse propósito no princípio da década de 90:

“All who work for the Lord in this country, and those interested in the work are full of gratitude for the issue of the cheap Gospels, and thank the Committee forbearing the loss of two reis on each so as to have them sold at ten reis: it is an unspeakable boon to the people who can scarcely read to have this cheap book as the first they possess, and thus to learn to spell out the letters from God’s own Word. [...] we have evidence of the appreciation of the Gospels in the great increase in sales of Portions by 1,300 copies.”²⁷

Sendo que a expressão quantitativa daquela receção resultou num claro crescimento das vendas entre 1890 e 1891²⁸. Nos anos seguintes, as variações, e

23 Cf. Elizabeth Cassels. Letter to the Revd. C. Jackson [Oporto, 29th January 1872]. Agent Book n^o138 – BSA/D1/7/138 – BFBS Archives – Cambridge University Library.

24 Afirmando a esse propósito: “[...] if sold for 40 rs. it will find its way everywhere and may be the means of making the Word of God to be more read by giving the Public a taste for reading the Bible.” (James E. Tugman. Letter to the Revd. R. B. Girdlestone [Lisbon, 22nd November 1873]. Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 150 – BSA/D1/7/150 – BFBS Archives – Cambridge University Library).

25 Sendo que na primeira semana de distribuição, já no final de dezembro de 1873, se venderam 216 volumes (James E. Tugman. Letter to the Revd. C. Jackson [Lisbon, 14th November 1874]. Agent Book Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 150), mas os efeitos são sobretudo visíveis a partir de 1874.

26 Como Whiteley, que nos finais da década de 30 propunha: “I am of opinion that detached parts of the Bible printed like the Sermon [on the Mount] would be very favorably received.” (Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram [Oporto, 7th June 1837]. Foreign Correspondents Inwards ‘W’).

27 *The Eighty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1891, p. 100.

28 A SBBE fez naquela altura uma edição dos Evangelhos com 80.000 exemplares que fez circular no país a 10 réis (Cf. *The Eighty-Eight Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1892, p. 86) e que seria

sobretudo os ocasionais decréscimos, nas vendas das Porções tendiam a ser justificados com a consolidação ou crescimento das vendas de Novos Testamentos e Bíblias, mais uma vez recorrendo-se à avaliação das Porções enquanto instrumento introdutório no trabalho de divulgação bíblica²⁹. De qualquer modo, dali em diante estas edições sustentariam em grande medida o crescimento das vendas da SBBE em Portugal³⁰, conforme seguidamente se verifica:

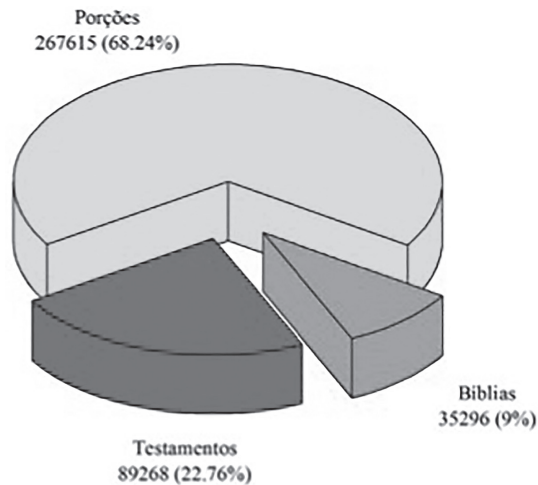


Figura 2 – Tipologia da circulação da SBBE em Portugal entre 1864 e 1900

A diminuição das vendas daqueles volumes, traduzindo também a tendência geral, relacionada com períodos de maior oposição ou de mais difícil operacionalização do sistema de colportagem, refletiu também ocasionalmente ruturas de stock, resultantes do facto de as Porções serem edições que se vendiam com muita rapidez e eficácia.

Importa, no entanto, esclarecer dois aspetos. Por um lado, o domínio das Porções não foi permanente durante toda a história da Sociedade Bíblica em Portugal, sobretudo no que diz respeito ao período anterior ao do estabelecimento da Agência. Se isso se deveu ao facto de naquela fase serem ainda poucas as edições em

seguida, cinco anos depois, de uma 2ª edição de mais 100.000 exemplares (Cf. *The Ninety-Second Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1896, p. 86-87). Aqueles livros seriam comumente designados na documentação como os “cheap Gospels”.

29 Conforme se referia no Relatório de 1898: “Our sales by colporteurs do not stand quite so high as in 1896, showing a decrease of about a thousand Portions. The sale of New Testaments has risen from 914 to 1,349, proving that the large circulation of Gospels in past years has created some desire and taste for the Word of God. (*The Ninety-Fourth Report of the British and Foreign Bible Society*, 1898, p. 96).

30 Ainda assim, nos anos de maior crescimento, a partir dos anos 20 do séc. XX, as vendas estiveram também apoiadas no aumento do número de NT e Bíblias e não apenas das Porções.

formato Porção em português, aconteceram também casos, em que, ao contrário do que a tendência geral e a longo prazo demonstra, existiu uma procura maior de NT e Bíblias, em detrimento precisamente das Porções, com base no argumento de que a população procurava não uma “parte da Verdade”, mas a “Verdade inteira”³¹. No mesmo sentido, outros colaboradores relatariam ainda naquele período pré-Agência, a situação de maior procura da Bíblia do que de NT³², o que também contrariava a tendência geral.

Estas exceções à regra são bastante mais raras depois de 1864, mas no decorrer do processo de institucionalização o benefício das Porções não foi absolutamente consensual, tendo existido alguns interlocutores que se manifestaram inclusivamente contra a circulação das mesmas, considerando-as inadequadas para circulação em Portugal. Uma dessas figuras foi o primeiro Agente – Francis Roughton – que afirmava em 1865: “From what I hear single Gospels will not meet with a large sale and in all probability will be mistaken for the whole Testament”³³, solicitando ao Comité Editorial da SBBE que reconsiderasse o seu plano de publicações projetado para Portugal. A intuição de Roughton sobre o assunto veio a comprovar-se completamente errada, conforme se verificou pelo sucesso da comercialização das Porções no país ao longo das décadas seguintes, mas interessa perceber que a validade e funcionalidade destas edições não era posição unânime entre os representantes da Sociedade Bíblica ou entre o público em geral.

Por outro lado, importa também acrescentar que, no âmbito da gestão comercial, a própria SBBE, e os seus Agentes, consideravam a venda das Porções como tendo menor importância em relação aos outros volumes circulados. Não sendo propriamente explícita, essa desvalorização relativa traduzia-se essencialmente no acompanhamento das conclusões ligadas ao aumento das vendas com, quando era esse o caso, expressões que contrapunham àquele crescimento o facto do mesmo ter sido alcançado com base nas Porções, como o balanço de Stewart em 1897: “Our own actual sales show that colporteurs have sold 706 more copies in 1896 than they

31 Cf. W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram [S. Miguel, Azores, 6th December 1841]. Foreign Correspondents Inwards ‘B’; e W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram ([s/d] 1843 [Received 28th August 1843]). Foreign Correspondents Inwards ‘B’.

32 Cf. Edward Whiteley. Letter to the BFBS [Oporto, 24th April 1835]. Foreign Correspondents ‘W’ – BSAX/1/W; Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram [Oporto, 10th August 1835]. Foreign Correspondents ‘W’ – BSAX/1/W; e Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram [Oporto, 3rd October 1835]. Foreign Correspondents ‘W’ – BSAX/1/W.

33 Francis H. Roughton. Letter to the Revd. Jackson (18th March 1865). Editorial Correspondence (Incoming, 1858-1867). Vol. 4 – BSA E3/1/4/4 – BFBS Archives – Cambridge University Library. Tendo sido acompanhado nessa posição por outras figuras de destaque na comunidade evangélica, como Thomas Pope (1837-1902), em relação ao qual referia: “I have mentioned to Mr. Pope the suggestion of the Committee with regard to the 100 Gospels, and he has requested me to say that, he would prefer not having the Gospels, and therefore suggest the following division of the grant, viz. 35 Bibles and 65 Testaments.” (Francis H. Roughton. Letter to the Revd. C. Jackson [Lisbon, 9th November 1869]. Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 126 – BSA/D1/7/126 – BFBS Archives – Cambridge University Library).

did in 1895; this increase, however, is wholly in Portions, Bibles being five less, Testaments 50 less, Portions 761 more³⁴, o que traduzia bem que o objectivo último da SBBE era o da distribuição das Bíblias e NT. Este facto é reforçado pelas expressões que, no sentido oposto, acompanhavam as conclusões relativas ao aumento da venda deste tipo de volumes, como a do mesmo Agente no ano anterior, quando referia: “The Table of Circulation shows an increase of 241 on the total sales of 1895 as compared with sales of 1894, and it is gratifying to note that our colporteurs’ sales have increased nearly 800, and that Bibles and Testaments are about one-half of that increase.”³⁵, sendo que os próprios colportores eram avaliados de acordo com a sua tipologia de vendas, sendo mais valorizados quando eram também superiores as suas vendas de Bíblias e de NT³⁶. No início do novo século, o sucessivamente valorizado aumento da venda de Bíblias foi também alcançado através de uma nova edição mais barata da Bíblia, cujo formato e preço a não distanciavam já tanto em termos de acessibilidade dos outros volumes distribuídos pela Sociedade³⁷.

No que às traduções diz respeito, é importante referir que as Escrituras que a SBBE fez circular em Portugal não se limitaram às duas versões em língua portuguesa, sendo que foram disponibilizadas várias outras línguas à população estrangeira que vivia ou visitava Portugal. Os dados relativos a este tema são relativamente dispersos e de difícil sistematização, tanto antes como depois do estabelecimento da Agência, cuja superintendência disponibilizava apenas ocasionalmente a discriminação dessa informação. De qualquer forma, na primeira fase, aquela variedade de línguas – assente essencialmente no inglês, alemão, italiano e francês – serviu essencialmente dois objetivos: o da resposta à circulação promovida entre as tropas

34 *The Ninety-Third Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1897, p. 93. Os exemplos multiplicam-se ao longo dos anos, referindo-se aos colportores em 1889: “The sales stand at very much the same figures as last year, but they consist more of Portions this year than last.” (*The Eighty-Fifth Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, 1889, p. 83); ou relativamente aos depósitos em 1890: “Our sales stand higher than last year; and though this increase is in Portions, which are almost entirely Gospels, yet the power of these for good who can measure?” (*The Eighty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, 1890, p. 82).

35 *The Ninety-Second Report of the British and Foreign Bible Society...*, 1896, p. 86.

36 A título de exemplo, veja-se a declaração de Stewart em relação a um dos seus colportores: “Figueiredo continues to work most vigorously; though now an old man of three score and ten, he still is in the van of all our colporteurs in sales, and specially of Bibles and Testaments.” (*The Ninety-Third Report of the British and Foreign Bible Society...*, 1897, p. 94).

37 Era uma nova edição da tradução de António Pereira de Figueiredo em formato 16mo e vendida a 200 réis (10 ¼ d.), o que representando perdas financeiras para a SBBE, foi autorizado pelo Comité da mesma com vista à equiparação do produto circulado em Portugal com os volumes distribuídos em Espanha, já que neste país se fazia circular desde há muitos anos uma edição da Bíblia vendida por uma peseta (9 ½ d.). Cf. *The Ninety-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCXI*. London: The Bible House, 1901, p. 95. Refira-se que até este período os preços das Bíblias da SBBE em Portugal ascendiam a 400, 500 e 600 réis.

e prisioneiros de guerra estrangeiros em Portugal³⁸ e o aprovisionamento de comunidades protestantes estrangeiras estabelecidas no país³⁹.

No período subsequente ao da formação da Agência e da criação dos Depósitos bíblicos, estes últimos passam a desempenhar um papel significativo naquele campo, já que nas cidades onde os Depósitos foram estabelecidos circulava um número importante de estrangeiros, sendo disso exemplo o caso de Lisboa, o que resultava não apenas do seu estatuto metropolitano mas também da sua situação geográfica na Europa e da sua valência enquanto espaço portuário estratégico. Assim, e como se confirma pelas figuras seguidamente apresentadas⁴⁰, sendo certo que no sistema de colportagem circulavam volumes bíblicos em língua estrangeira, a percentagem desse tipo de volumes sobre o total das vendas foi, ao longo das primeiras décadas da Agência, sempre muito superior no contexto dos Depósitos.

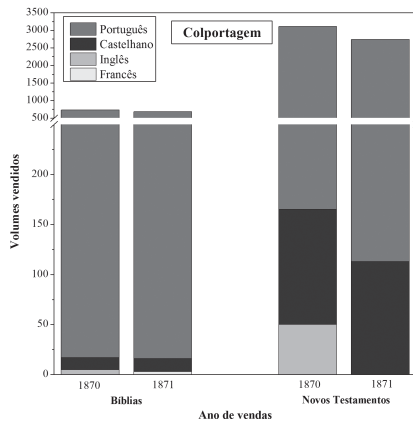


Figura 3 – Línguas vendidas via colportagem (1870-1871)

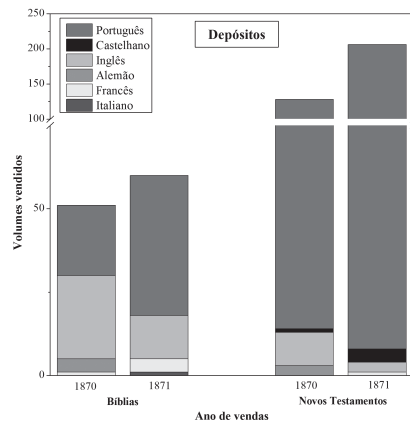


Figura 4 – Línguas vendidas via Depósito (1870-1871)

Se analisarmos especificamente as vendas relativas a 1870, verificamos que, no total de Bíblias vendidas pelos colportores, 3,0% foram em língua estrangeira⁴¹; sendo que em relação aos NT aquela percentagem correspondeu a 6,5%⁴². No caso do Depósito de Lisboa, cujas vendas estão representadas na figura acima, aquelas

38 Cf. Joseph Tarn. Letter to James Allott (Spa Fields, London, 11th August 1812). Correspondence Books (Home and Foreign). Vol. 4 – BSA/D1/5/4 – BFBS Archives – Cambridge University Library.

39 Cf. Edward Whiteley. Letter to the Secretary of the BFBS [Oporto, 28th May 1857]. Foreign Correspondents Inwards 'W'.

40 Onde importa ter em atenção a diferença de escalas.

41 De um total de 754 Bíblias, 17 eram em castelhano (2,3%) e 5 em inglês (0,7%). Cf. James E. Tugman. Letter to the Revd. J. B. Berne (Lisbon, 3rd February 1871). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 130 – BSA/D1/7/130 – BFBS Archives – Cambridge University Library).

42 De um total de 3320 NT's vendidos pelos colportores 165 eram em castelhano (5,0%) e 50 em inglês (1,5%). Cf. James E. Tugman. Letter to the Revd. J. B. Berne (Lisbon, 3rd February 1871). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 130).

percentagens corresponderam respetivamente a 48,0% e 19,0%⁴³. No ano seguinte, estas proporções confirmavam-se, com os colportores a venderem 2,8% de Bíblias e 4% de Novos Testamentos em língua estrangeira⁴⁴; e o Depósito lisboeta a apresentar nas suas vendas uma percentagem de 35,6% de Bíblias e 6,4% de Novos Testamentos em língua estrangeira⁴⁵. A diferença era muito substancial e ainda que em termos absolutos aqueles valores não correspondessem necessariamente a um número muito maior de vendas, uma vez que a circulação via colportagem sempre foi muito superior às transações efetuadas em contexto depositário, ficava claro que o Depósito desempenhava um papel específico naquele âmbito, procurando responder à procura da população estrangeira que, residindo ou circulando em Portugal, queria adquirir as Escrituras na sua língua⁴⁶. Sendo importante frisar igualmente o facto de que esse tipo de comprador tendia a adquirir a Bíblia completa, conforme se verifica pelas percentagens apresentadas. Torna-se também evidente a partir da década de 70 a importância crescente do castelhano no conjunto das línguas em que se divulgava a Bíblia em Portugal, sendo que, juntamente com o inglês, aquela passou a ser uma das línguas estrangeiras com maior circulação no país, tanto no contexto da colportagem como dos Depósitos.

Nas primeiras décadas do séc. XX, as poucas referências à variedade de línguas em que se vendia a Bíblia em Portugal, apesar de menos sistemáticas, indicam uma tendência para a diversificação daquele campo específico de circulação, sendo que ao inglês, francês, italiano, alemão e espanhol, se juntaram o húngaro,

43 De um total de 98 Bíblias vendidas no Depósito 30 eram em inglês (30,6%), 11 em castelhano (11,2%), 5 em alemão (5,1%) e 1 em francês (1,0%). No total de 158 NT's vendidos, 14 eram em castelhano (8,9%) 13 em inglês (8,2%) e 3 em alemão (1,9%). Cf. James E. Tugman. Letter to the Revd. J. B. Bergne (Lisbon, 3rd February 1871). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 130.

44 De um total de 700 Bíblias vendidas pelos colportores em 1871, 16 eram em castelhano (2,3%), 3 em francês (0,4%); e 1 em inglês (0,1%); e num total de 2854 NT's, 113 eram em castelhano (4,0%). Cf. James E. Tugman. Letter to Mr. W. Hitchin (Lisbon, 23rd January 1872). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 138 – BSA/D1/7/138 – BFBS Archives – Cambridge University Library.

45 Em 1871 vendeu-se no Depósito de Lisboa um total de 93 Bíblias, das quais 18 eram em inglês (19,4%), 7 em castelhano (7,5%), 5 em francês (5,4%), 2 em alemão (2,2%) e 1 em italiano (1,1%); e um total de 220 NT's, dos quais 8 eram em espanhol (3,6%), 4 em inglês (1,8%), 1 em alemão (0,5%) e 1 em francês (0,5%). Cf. James E. Tugman. Letter to Mr. W. Hitchin (Lisbon, 23rd January 1872). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 138. No ano seguinte James Tugman não discrimina, relativamente às vendas dos colportores, as línguas em que os mesmos foram efectuadas, mas refere esses dados em relação ao Depósito, confirmando aquela tendência: de um total de 74 Bíblias vendidas, 31,1% eram em língua estrangeira (11 em inglês [14,9%], 4 em alemão [5,4%]), 4 em francês [5,4%], 3 em italiano [4,0%], e 1 em castelhano [1,4%]); e de 108 NT's vendidos, 10,3% eram em língua estrangeira (7 em inglês [6,5%], 2 em castelhano [1,9%] e 2 em francês [1,9%]). Cf. James E. Tugman. Letter to Mr. Hitchin (Lisbon, 23rd February 1873). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 150.

46 Uma tendência que, de facto se manteve ao longo das décadas seguintes anos e se alargou aos outros Depósitos, concluindo-se no Relatório de 1885: "The depôts seem, from examination into their sales, to have been more used by foreigners than by the people themselves. One-half the Bibles sold were in English, French, German, Italian, and Hebrew; [...]" (*The Eighty-First Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, 1885, p. 89).

russo, polaco, chinês, árabe magrebino e esperanto⁴⁷. Ao longo da história da Agência houve também lugar para a resposta a pedidos específicos ocasionais, ligados sobretudo à presença no país de comunidades particulares, sendo disso exemplo as encomendas recebidas no Depósito de Lisboa de Escrituras em sânscrito, indo-português⁴⁸ ou holandês, por exemplo⁴⁹.

Caso distinto representou a circulação das Escrituras nas línguas originais – o hebraico e o grego – e em latim. Existindo referências esporádicas à sua venda no Depósito⁵⁰, a procura e o aprovisionamento de volumes bíblicos naquelas línguas tendeu a centrar-se num espaço específico: Coimbra. A partir sobretudo dos anos 80 e do papel específico de um colportor – Joaquim Figueiredo – aquela cidade tornou-se um importante centro de distribuição, o que resultou da crescente valorização naquele contexto universitário do estudo das línguas bíblicas e suas traduções. Referindo-se ao trabalho fundamental daquele colportor naquele âmbito, Robert Stewart relatava em 1889:

“He can tell of Coimbra University now demanding examinations in the Scriptures from all aspirants to the priesthood; he can tell of an order recently made by the rector that Hebrew, with his cognate languages, is to be read and studied; that Greek, too, shall have a place such as it has not hitherto had. It is this entrance on a new era that makes such a demand for Hebrew, Greek, and Latin Scriptures. Professors and students thank him for supplying these books, which were formerly difficult to get at any price, at prices so low that none need be without them.”⁵¹

A resposta da SBBE em relação àquela procura, que foi progressivamente crescendo, em grande medida graças à acessibilidade dos volumes que a Sociedade disponibilizava, permitiu-lhe, de facto, receber o apoio declarado de muitos estudantes e docentes de Coimbra e participar ativamente do processo de integração das línguas bíblicas nos planos curriculares dos cursos da Universidade⁵². A SBBE destacou a importância daquele trabalho tanto a curto como a longo prazo. No imediato, a imagem da Sociedade Bíblica, recorrentemente associada, pela via da

47 Cf. *The Hundred and Nineteenth Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MCMXXIII*. London: The Bible House, 1923, p. 58; *The Hundred and Twentieth Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MCMXXIV*. London: The Bible House, 1924, p. 56; e *The Hundred and Twenty-Fourth of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MCMXXVIII*. London: The Bible House 1928, p. 49.

48 Cf. James E. Tugman. Letter to Mr. C. Finch (Lisbon, 6th May 1874). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 150.

49 Esta última com um significado histórico importante devidamente valorizado pela própria SBBE que, em 1902, fazia questão de destacar a ligação entre aquele momento e o das origens da tradução de João Ferreira de Almeida (Cf. *The Ninety-Eight Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCXII*. London: The Bible House, 1902, p. 95).

50 Cf. *The Hundred and Twenty-Fourth of the British and Foreign Bible Society...*, 1928, p. 49.

51 *The Eighty-Fifth Report of the British and Foreign Bible Society...*, 1889, p. 86.

52 Cf. *The Eighty-Second Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, 1886, p. 93; e *The Eighty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society*, 1891, p. 101.

militância propagandística de alguns sectores católicos romanos, à circulação de “traduções falsas”⁵³, foi-se transformando⁵⁴. Ao mesmo tempo, a Agência perspetivava aquele trabalho em Coimbra como um investimento a longo prazo, conforme Moreton explicitava em 1901:

“It is difficult to measure the effect of this work. The seed is being sown and its harvest will appear in coming years. Here are students who will become the judges, lawyers, and State officials of Portugal in the future. May God’s own blessing rest on these copies of the Scriptures, placed in the hands of men who will one day control the destiny of their country.”⁵⁵

A avaliação positiva daqueles efeitos, juntamente com os resultados das vendas, definiu Coimbra naquelas décadas de 80 e 90 como um verdadeiro caso de sucesso, baseado precisamente na diversidade de línguas em que as Escrituras eram feitas circular e na capacidade da Sociedade Bíblica para adaptar a sua oferta às necessidades de cada uma das regiões do país. Ao mesmo tempo, destaca-se ainda neste âmbito a demonstração clara da importância dos graus de especialização desenvolvidos pelos colportores, sendo que Joaquim Figueiredo consolidou a sua posição na Agência precisamente através da atividade desenvolvida em Coimbra, estruturada sobre uma substancial eficácia em termos de vendas e uma grande eficiência na integração na comunidade, traços repetidamente destacados pela SBBE⁵⁶.

3. O religioso enquanto produtor e gestor de bens

A SBBE era também um negócio e autorrepresentava-se enquanto tal. Os aspetos económico-financeiros do processo de distribuição da Bíblia foram componente essencial da organização da Sociedade Bíblica e o progresso da institui-

53 Uma acusação e um debate absolutamente centrais ao longo da história da Sociedade Bíblica em Portugal, mas cuja complexidade não cabe desenvolver no âmbito deste artigo.

54 Razão pela qual Stewart afirmava em 1887: “We can scarcely over-estimate the work of this man [Joaquim Figueiredo] among the students at Coimbra. [...] both professors and students have thanked the colporteurs, and praised our Society [...] and this has completely changed the opinions of the young men, who now see that a Society which offers the originals is not likely to produce a false translation.” (*The Eighty-Third Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, 1887, p. 101-102).

55 *The Ninety-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society...*, 1901, p. 96.

56 Cf. *The Eighty-Second Report of the British and Foreign Bible Society*, 1886, p. 93; *The Eighty-Ninth Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1893, p. 83; *The Ninety-First Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1895, p. 91; *The Ninety-Third Report of the British and Foreign Bible Society*, p. 94; *The Ninety-Fourth Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Richard Clay & Sons, Limited, 1898, p. 98. Tendo sido o grande protagonista daquela dinâmica, a mesma acabaria por perder algum ímpeto com a sua saída da Sociedade, mas Joaquim Figueiredo seria sucedido naquela tarefa por outros colportores. Todos, incluindo Figueiredo, enfrentaram, apesar do significativo sucesso alcançado, alguma oposição.

ção foi também medido através da ampliação do negócio que dinamizava⁵⁷. Em Portugal, ao contrário daquilo que acontecia na Grã-Bretanha, onde ao longo do séc. XIX a SBBE tendeu a enfatizar o seu carácter religioso⁵⁸, a Sociedade Bíblica fez destacar aquele carácter comercial, onde no fundo residia grande parte da legitimidade da sua ação.

Neste campo, a primeira grande questão que se colocou tanto ao Comité londrino da SBBE como aos seus primeiros interlocutores em Portugal, foi a da escolha entre a distribuição gratuita dos volumes ou a sua venda. Na Grã-Bretanha, a primeira opção foi proibida e a segunda foi tornada obrigatória, pelo que todos os volumes feitos circular a nível doméstico a partir da Bible House, em Londres, tinham adstrito um valor pecuniário. No entanto, no âmbito da sua ação internacional, a SBBE não foi tão definitiva na rejeição da gratuidade enquanto meio de divulgação.

Em Portugal, os primeiros colaboradores da Sociedade Bíblica foram inclusivamente alertados para a possibilidade de colocar em prática aquela hipótese, com um dos Secretários e Tesoureiro do Comité londrino a esclarecer logo em 1812 James Allot, em Lisboa, sobre o assunto: “[...] the Committee wish it to be fully understood, that they by no means wish to restrain you from gratuitous circulation, wherever you may conceive they are likely to be useful”⁵⁹, uma posição que foi adotada nos mesmos termos e no mesmo período noutros espaços de circulação das Escrituras em português⁶⁰.

Sobretudo nas primeiras décadas da intervenção da SBBE em Portugal, aquela prática foi, de facto, frequente, existindo relatos da distribuição gratuita de Escrituras quer no continente, com Edward Whiteley⁶¹, quer na Madeira, com

57 O que ficou claro nas primeiras sínteses institucionais sobre a história da Sociedade, com George Browne a concluir em relação aos primeiros anos de funcionamento da SBBE: “The progress of the Society in the acquisition of influence, connections, and support, tended greatly, as might be inferred, to the increase of its business. Great efforts were now [1812-13] required and made for providing the Scriptures wanted, both for domestic and foreign circulation.” (George Browne – *The History of the British and Foreign Bible Society...*, vol. I, p. 62).

58 Veja-se a esse propósito o capítulo I – “Saints in publishing” do estudo de Leslie Howsam – *Cheap Bibles. Nineteenth-Century publishing and the British and Foreign Bible Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 1-34. A obra, como um todo, constitui uma síntese fundamental sobre o funcionamento do negócio da SBBE ao longo do séc. XIX.

59 Joseph Tarn. Letter to James Allott (Spa Fields, London, 11th August 1812). Correspondence Books (Home and Foreign), Vol.4.

60 O mesmo Joseph Tarn referir-se-ia à circulação das Bíblias em inglês e português na Índia, dizendo que as mesmas deveriam ser distribuídas “[...] either gratis or at very low prices, the latter of which is considered as preferable, the person paying for a Bible, however little, being more likely to take care of it, than another, unless influenced by a love to the Word of God for its internal value.” (Joseph Tarn. Letter to Rev. D. Brown [Spa Fields, London, 15th June 1811]. Correspondence Books (Home and Foreign). Vol.4).

61 Que explicava em 1835: “It is not my intention that the Society should lose anything on these Bibles and Testaments, and so soon as they are disposed of, I will transmit the value of them, but I cannot promise as much for the future, as a considerable part will have been given away by myself and others, where a good opportunity has offered, and by not intending the Society to be injured by these gifts, you will at once understand, that where we have given them, it has been from a conviction that the gift would be useful.” (Edward Whiteley. Letter to Revd. Andrew Brandram [Oporto, 1st April 1835]. Foreign Correspondents ‘W’) O sublinhado é do autor.

Thomas Edwards⁶², quer nos Açores, com W. H. Brant⁶³, constituindo-se portanto como uma prática relativamente generalizada e levada a cabo por alguns dos principais interlocutores da Sociedade no país. Em todos estes casos, o método da distribuição gratuita era considerado como uma alternativa ao objetivo primeiro, que era o da venda, ao mesmo tempo que era devidamente justificado pela sua utilidade, pela avaliação dos recetores como sendo dignos ou merecedores daquela oferta e, acima de tudo, pela situação socioeconómica de Portugal, conforme explicava Whiteley, na década de 30:

“I am aware that it is better, to sell a Bible for half its value, rather than to give it, but from what I know of the people here, I think that there will be no medium between getting the full price and getting nothing. There are many, very many, poor people who can read [...] and I can scarcely ask such a persons [sic] to buy Testaments at any price; in instances of this kind, I at once give them.”⁶⁴

Este confronto com a situação de pobreza em várias regiões do país estaria aliás entre o conjunto de condicionantes à circulação promovida pelo sistema de colportagem, sendo regularmente denunciado pelos diferentes colaboradores ao longo da história da Sociedade Bíblica em Portugal. Com muito menor frequência surgiram ainda, sobretudo naquela fase inicial e com ligação à questão da distribuição gratuita, referências de carácter relativamente estereotipado em relação à caracterização dos portugueses como “sovinas” ou “maus pagadores”⁶⁵, apresentadas como obstáculos à imposição da venda como método de distribuição obrigatório.

Apesar de tudo, a regra que progressivamente se impôs na atividade da SBBE em Portugal foi a da venda das Escrituras baseada no princípio básico de que o processo de compra conferia sempre algum valor ao objeto adquirido, ao mesmo tempo que diferenciava a ação da Sociedade de outros tipo de atividade de natureza

62 Que esclarecia em 1823: “I have given the greater part of the Testaments away.” (Thomas H. Edwards. Letter to Rev. E. F. Roenneberg [Madeira, 14th February 1823]. Foreign Correspondents Inwards ‘E’ – BSAX/1/E) e reconhecia manter aquela prática ainda em 1836, referindo: “With regard to my own operations here I have gone on for years as I have often informed the Society, quietly giving the Scriptures, when sought for in a proper manner and a proper spirit, [...]” (Thomas H. Edwards. Letter to Revd. John Jackson [Madeira, 9th November 1836]. Foreign Correspondents Inwards ‘E’). Em ambas as citações o sublinhado é do autor.

63 Que procurava evitar aquele método, mas reconhecia em 1845: “I am no Friend to gratuitous distribution unless to the poor destitute.” (W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram [Ponta Delgada, 3rd February 1845]. Foreign Correspondents Inwards ‘B’).

64 Edward Whiteley. Letter to Revd. Andrew Brandram (Oporto, 1st April 1835). Foreign Correspondents ‘W’. Sublinhado do autor.

65 Cf. Mary Elizabeth Brounlie. Letter to E. F. Roenneberg [Madeira, Rua Nova de S. Pedro, 29th September 1822]. Foreign Correspondents Inwards ‘B’; Mary Elizabeth Brounlie. Letter to E. F. Roenneberg [Madeira, Rua Nova de S. Pedro, nº5, 27th September 1823]. Foreign Correspondents Inwards ‘B’; Thomas H. Edwards. Letter to Rev. E. F. Roenneberg [Madeira, 14th February 1823]. Foreign Correspondents Inwards ‘E’.

propagandística com que a instituição não se queria fazer confundir⁶⁶. De acordo com a experiência da SBBE, aquela premissa funcionava mesmo que o preço praticado fosse muito baixo, o que, sendo prática generalizada da instituição, foi tornado mandatório em Portugal de modo a possibilitar a concretização das vendas num país com uma população maioritariamente pobre e onde o tema concreto dos preços foi desde cedo objeto de discussão entre os interlocutores da SBBE⁶⁷.

A venda, cuja generalização foi fortemente dinamizada sobretudo a partir da formação da Agência, teve, no entanto, o seu primeiro grande pico com Robert Kalley na Madeira na década de 40⁶⁸. Kalley seria o primeiro a delinear verdadeiras estratégias de venda, estabelecendo uma tabela de preços diferenciada conforme o público alvo⁶⁹ ou planeando uma calendarização para as vendas⁷⁰, o que não invalida que tenha também procedido a distribuições gratuitas ocasionais⁷¹. Na mesma altura, Thomas Brant, nos Açores, optava também por estratégias de tipo promocional, como a descida do preço na compra de mais do que um exemplar⁷².

Esta adaptabilidade do sistema de vendas foi objeto de uma regulamentação progressivamente fortalecida ao longo da história da Agência e a resposta à diversidade socioeconómica no interior do universo de compradores fez-se fundamentalmente através da disponibilização de diferentes edições e encadernações e já não da opção entre a gratuitidade e a venda.

O tipo de recetor e comprador dos volumes da SBBE em Portugal pertencia tendencialmente às classes mais baixas, o que, ficando bastante evidente no período anterior ao da formação da Agência com as referências repetidas às doações, incluiu no entanto também desde essa fase algumas exceções, sobretudo no que dizia respeito à comercialização das Bíblias, cuja aquisição surgia não poucas vezes asso-

66 O Rev. J. G. Curie, agente da SBBE em Espanha a partir de 1869, esclarecia que a venda funcionava como uma vantagem e marca distintiva em relação às outras Sociedades que distribuíam volumes bíblicos na Península Ibérica (J. G. Curie. Letter to the Revd. J. B. Bergne [Madrid, 20th April 1869]. Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 126 – BSA/D1/7/126).

67 Cf. George Borrow. Letter to the Rev. Andrew Brandram [Évora in the Alemtejo, 15th December 1835]. In T. H. Darlow [ed.] – *Letters of George Borrow to the British and Foreign Bible Society*. S/l: Bibliolife, s/d, p. 116; Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram [30th November 1836]. Foreign Correspondents Inwards 'W'.

68 A título de exemplo, em março de 1842 o médico escocês reportava a venda de 114 Bíblias, 87 Testamentos e 130 Porções, um total de 127,690 Rs. (Cf. Robert Reid Kalley. Letter to the Revd. John Jackson [Funchal, 26th March 1842]. Foreign Correspondents Inwards 'K').

69 Cf. Robert Reid Kalley. Letter to the Revd. John Jackson [Funchal, 26th March 1842]. Foreign Correspondents Inwards 'K'.

70 Referindo por exemplo em 1841: "The people are accustomed to collect their money to spend on clothes and various things about Christmas so that now as it is past perhaps more may find enough to buy Bibles." (Robert Reid Kalley. Letter to the Revd. John Jackson [Funchal, 7th January 1841]. Foreign Correspondents Inwards 'K').

71 Geralmente destinada, mais uma vez, às classes mais pobres, ou como forma de premiar os melhores alunos no âmbito das escolas cuja criação apoiou (Cf. Cf. Robert Reid Kalley. Letter to the Revd. John Jackson [Funchal, 26th March 1842]. Foreign Correspondents Inwards 'K' – BSAX/1/K).

72 Cf. W. H. Brant. Letter to the Revd. Andrew Brandram ([s/d] 1843 [Received 28th August 1843]). Foreign Correspondents Inwards 'B').

ciada a indivíduos das classes mais altas⁷³. A questão da encadernação, nessa altura menos diversificada, colocou-se também desde logo como mecanismo de atração em relação às classes mais favorecidas, o que obrigou também a SBBE a responder e a adaptar-se a esse tipo de apelo, conforme o que lhe era feito por alguns dos colaboradores em Portugal, logo nos anos 30:

“In sending Bibles to Lisbon, would it be inconsistent to your Rules to have some of them handsomely bound; for Mr. Wilby says that he is sure they would thus find their way, where they might do very much good; he is very anxious to have some; having frequently been applied to [ilegível] them, I suppose by persons of Rank.”⁷⁴

A preocupação de Edward Whiteley, que escrevia aquelas linhas, em relação ao cumprimento das regras da instituição, era reveladora em relação ao modo como a materialidade dos textos bíblicos, naquele caso a qualidade da sua encadernação, podia intervir diretamente no âmbito do debate doutrinal a que, como referimos, a SBBE nunca foi alheia, mesmo quando persistentemente procurou consolidar uma posição neutra no espaço do interdenominacionalismo cristão.

Aquele apelo obteve resposta junto do Comité editorial da SBBE e a longo prazo o tipo de encadernação dos volumes bíblicos em português diversificou-se, procurando também responder à diversificação do público-alvo da Sociedade Bíblica, sendo que partindo de um único tipo de encadernação disponibilizado na década de 10 do séc. XIX chegaria a um máximo de quarenta e três edições com formatos e encadernações distintas nos princípios do séc. XX.

No entanto, depois de 1864 e da generalização da venda como método de aquisição, a maioria dos compradores continuou a caracterizar-se como pertencendo às classes mais baixas, com o Agente Francis Roughton a referir no balanço sobre o seu trabalho: “I am sorry to say that I know of few instances of the Scriptures being purchased by the upper, or educated class”⁷⁵, facto corroborado pelos relatos de vários dos colportores seus contemporâneos⁷⁶. Aquela avaliação do estatuto socioeconómico dos compradores como um problema era reforçada ainda pela posição do próprio Comité londrino da SBBE que, em 1870, declarava abertamente a esse propósito: “It is very sad to have to record the fact that the higher and more

73 Em 1835, Whiteley, no Porto, esclarecia que quando vendia, vendia mais Bíblias que Novos Testamentos, volumes tendencialmente mais caros, e explicitava inclusivamente: “The buyers have been persons in good circumstances.” (Edward Whiteley. Letter to the BFBS [Oporto, 24th April 1835]. Foreign Correspondents ‘W’).

74 Edward Whiteley. Letter to the Revd. Andrew Brandram (Oporto, 10th August 1835). Foreign Correspondents ‘W’.

75 Francis H. Roughton. Letter to the Revd. J. B. Bergne (At Sea, 20th December 1869). Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 126.

76 Veja-se o caso de Camilo Quinteiros, que em 1871 referia: “The poorer classes, such as the peasantry, shopkeepers in small towns and villages, are the chief purchasers, and if they cannot afford the money for a Bible, they invariably buy a Testament for 100rs.” (Camilo Quinteiros citado por James E. Tugman. Letter to the Revd. J. B. Bergne [Lisbon, 3rd February 1871]. Agent Book for Spain and Portugal. Vol. 130).

wealthy classes seldom show any disposition to purchase the Sacred Volume”⁷⁷. Nas décadas seguintes, os Agentes da SBBE em Portugal procurariam combater aquela tendência, daí que as referências às transações e contactos estabelecidos com representantes das classes mais elevadas fossem sempre explicitadas na correspondência e nos relatórios da instituição em termos bastante mais entusiastas do que os atrás citados. Os Depósitos bíblicos desempenharam nesse âmbito um papel essencial, já que, como vimos, integravam entre as suas mais valias a capacidade de atração precisamente das classes urbanas mais educadas, um facto repetidamente valorizado no contexto da análise da funcionalidade daqueles canais de distribuição.

Facto determinante no acesso das classes menos favorecidas às Escrituras foi evidentemente a questão do preço. A prática dos preços baixos, generalizada tanto em ambiente doméstico como internacional, foi diretiva fundamental na dinâmica de circulação desenvolvida pela SBBE e revelou-se de uma grande eficácia. No caso português, esse facto ficou demonstrado ao longo da história da Agência, sustentando aliás o seu desenvolvimento e evidenciando-se em períodos específicos como o das edições das Porções cujo baixo preço resultava rapidamente em picos de vendas⁷⁸.

Em termos da receção, a questão do preço gerou alguma ambivalência nas reações. Por um lado, era muitas vezes motivo de valorização do trabalho da Sociedade Bíblica, com declarações como a de um comprador que afirmava: “[...] the providence of God was great, for in times past a Bible cost a yoke of oxen, whereas now a copy could be bought for 500, 300, or even 200 Reis”⁷⁹. O papel da SBBE no processo de vulgarização dos textos bíblicos foi expressamente reconhecido quer no contexto da colportagem, quer no dos Depósitos. Esse facto foi repetidamente destacado pela SBBE com base sobretudo na reprodução das manifestações de surpresa em relação à discrepância entre o sentido lato do valor das Escrituras e o sentido estrito do valor pelo qual as mesmas eram comercializadas e na declaração da natureza não lucrativa dos objetivos da SBBE, facto que os seus representantes em Portugal estavam também encarregues de esclarecer, conforme exemplificava o colporteur José Alexandre, em 1905:

“[...] the vicar and the sacristan came and asked me what books I had for sale. ‘The Holy Scriptures,’ I answered. I was asked the price, and replied, 200, 300, 400, or 600

77 *The Sixty-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society*. London: Spottiswoode & CO., New-Street Square, Farringdon Street, 1870, p. 127.

78 Entre vários exemplos, refira-se o relato de Robert Stewart que em 1891 afirmava: “[...] since the issue of cheap Gospels, marked at 10 reis and put in the front of the window [Depósito Lisboa], you constantly find persons standing reading the open pages, and many enter to buy copies.” (*The Eighty-Seventh Report of the British and Foreign Bible Society...*, 1891, p. 100).

79 *The Ninety-Ninth Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCIII*. London: The Bible House, 1903, p. 89.

reis, (*i.e.*, 10d., 1s., 3d., 1s., 8d., 2s., 6d.). The vicar looked at me in a doubting fashion, but I told him that the Bible Society's object is not to lay up treasure on earth. At this he changed his attitude, but said nothing more with reference to the prices, and after a while took up a 600 reis Bible, [...]."⁸⁰

Gerando reações positivas, os baixos preços praticados pela SBBE produziram também, por outro lado, reações completamente inversas, situadas entre aquela desconfiança a que o colportor ali se referia e tentava combater e a desvalorização do produto circulado, na medida em que o preço a que era vendido era considerado “demasiado baixo” para garantir a sua qualidade e, mais importante que isso, a sua autenticidade⁸¹. Esse tipo de crítica, quando associada a uma certa militância antiprotestante, transformou até a questão do preço num elemento identificador, no sentido da denúncia de um volume como sendo uma “Bíblia protestante” precisamente pelo facto de ser mais barata, como relatava um dos colportores já no princípio do séc. XX:

“At Ponte de Sor a man came up to Colporteur Alexandre and said, ‘Then you sell the Holy Scriptures?’ ‘Yes,’ answered Alexandre, and showed him a copy and asked him if he wished to buy one. He took the book in his hands, but immediately said, ‘This is Protestant, colporteur.’ ‘But please examine it, *senhor*,’ said Alexandre. ‘Anybody can see that this is Protestant; the price is sufficient to prove that.’”⁸²

Neste tipo de argumentação desenvolveu-se ocasionalmente de forma mais explícita uma relação de causa efeito, com base na ideia de que os volumes eram vendidos àquele preço por serem protestantes e, por isso, terem menos qualidade, isto é, serem menos “genuínos”, que as versões católicas romanas⁸³. A Sociedade Bíblica procurou fazer frente a esse tipo de oposição pela via da preparação dos seus colportores para responder àquele tipo de dúvidas, da publicitação dos seus objetivos, da desmontagem da ideia de que existia uma “Bíblia protestante” diferente de

80 *The Hundred and First Report of the British and Foreign Bible Society, 1905. For the year ending March MDCCCXV.* London: The Bible House, 1905, p. 90.

81 Entre muitos exemplos, veja-se o do colportor Fernandes que relatava em 1907, em Ovar “went into one house where all seemed eager to possess the Bible. He read various passages, but there was an immediate protest against the genuineness of his editions when he told how cheap they were. A message was sent to a neighbour who had bought a Bible, advising him that he had been deceived, and that the book was a bad one.” (*The Hundred and Fourth Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCXIII.* London: The Bible House, 1908, p. 116).

82 *The Hundred and Second Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCXVI.* London: The Bible House, 1906, p. 89.

83 Um desses casos é apresentado no Relatório de 1906: “[...] a gentleman jumped out and asked, ‘What are you selling?’ ‘Bibles,’ answered the colporteur. ‘Let me see a copy.’ Opening the Bible, he read the title-page and said, ‘This seems all right, but are they not Protestant?’ Colporteur Arduino answered, ‘This is the Word of God; it is the same for all.’ [...] ‘I thought as much. That is why you sell them so cheap; they are Protestant [...] I don’t want your books. If I bought one, it would only be to burn it’. Colporteur Arduino afterwards found that this gentleman was the *administrador*, the local civil authority.” (*The Hundred and Second Report of the British and Foreign Bible Society, 1906*, p. 88-89).

uma “Bíblia católica” e da organização das conferências públicas onde se procurava enfatizar a importância do seu trabalho e o valor da sua imagem a nível internacional.

A inexistência de lucro na comercialização dos volumes da SBBE foi, conseqüentemente, uma constante ao longo do período em análise. A Sociedade, sobretudo nas primeiras décadas, tinha continuamente prejuízo no âmbito da sua atividade em Portugal e, à semelhança da maior parte da atividade internacional da SBBE, foi durante muito tempo financiada pelas subscritores britânicos da instituição⁸⁴. De qualquer forma, e progressivamente, procurou-se que o “prejuízo” da SBBE com a Agência portuguesa fosse atenuado e a evolução da tabela de preços foi parte integrante desse processo.

O problema da sustentabilidade da atividade da SBBE em Portugal foi-se colocando com cada vez maior acuidade ao longo do período em análise, acompanhando o percurso que começou no início do séc. XIX com o envio de doações – as chamadas “Grants” – diretamente de Londres e desembocou no aumento exponencial das vendas na década de 20 do séc. XX e traduzindo também um processo de complexificação da gestão das receitas e das despesas da Agência portuguesa que sempre se mantiveram, no entanto, profundamente desequilibradas, sem que nunca, até pelo menos meados do séc. XX, a SBBE tenha conseguido obter lucro com a sua atividade em Portugal.

4. A divulgação da Bíblia: a complexidade de um objetivo “simples”

Na viragem do século, os responsáveis da SBBE procuravam fazer um balanço do trabalho da Agência portuguesa com Robert Stewart a concluir, com satisfação, a propósito de um balanço de mais de 300 000 exemplares difundidos:

“These have been put into the hands of the people by the agency of nearly fifty Colporteurs, employed during these thirty-six years to carry the Word of God into every corner of the land. [...]. Thus this land, which in 1864 our Society found almost wholly destitute of the Word of God, has now been abundantly sown with the good seed, not only in cities, large towns, and populous centres, but in villages, hamlets and solitary country homes.”⁸⁵

84 Conforme explica Leslie Howsam: “[...] the mass-production and marketing of cheap Bibles for the domestic market produced suficiente revenue to finance the publication of books for distribution abroad. When it became very popular for women and men all over Britain to sell cheap Bibles and Testaments to the poor in their local communities, the Society became increasingly wealthy. The result was the publication of dozens of translations in foreign languages, and the dispatch of agents to Europe and around the world.” (Leslie Howsam – *Cheap Bibles...*, p. 35).

85 *The Ninety-Sixth Report of the British and Foreign Bible Society. For the year ending March MDCCCC*. London: The Bible House, 1900, p. 91-92.

A difusão das Escrituras entre a população alfabetizada e a divulgação geograficamente ampla e diversificada dos volumes da SBBE eram apresentados como grandes objetivos alcançados pela Sociedade Bíblica, mas aquelas metas seriam largamente ultrapassadas ao longo das décadas seguintes, com um crescimento que Stewart não pensaria sequer naquela altura projetar. A própria SBBE valorizaria esse facto logo no princípio da década de 20, quando as vendas começaram a aumentar muito substancialmente, integrando nas páginas do seu Relatório de 1923, um novo balanço, sob forma de tabela, onde demonstrava como entre 1882 e 1922, só o total de vendas dos colportores e dos depósitos tinha praticamente decuplicado⁸⁶.

Sendo claro que os resultados tenderam a melhorar ao longo do processo de consolidação da Agência, acompanhando a sua evolução e a complexificação dos seus recursos, fica também evidente que o grau de adaptabilidade do sistema de colportagem desempenhou um papel fundamental na dinamização da eficácia das vendas da Sociedade Bíblica. Ao mesmo tempo, o crescimento do volume de vendas fez-se, em grande medida, com base na circulação das Porções que ocuparam um lugar determinante no trabalho de divulgação bíblica, suportando parte substancial da sua diversificação tipológica.

O fortalecimento da capacidade organizativa da SBBE, e o grau de minuciosidade que a mesma foi progressivamente atingindo, estruturaram-se, por um lado, e consolidaram, por outro, um controlo apertado exercido pela instituição materna junto da sua rede de trabalho. No caso português, o modo de funcionamento da Agência ilustrou claramente a centralidade desse controlo, que era também, no fundo, uma visão sobre o papel da Sociedade Bíblica e simultaneamente sobre a sociedade em geral e a portuguesa em particular, perspetivadas como carecendo dessa fiscalização.

Procurando desde cedo delimitar claramente o seu objeto de trabalho, a SBBE alimentou um distanciamento declarado em relação a qualquer tipo de programa evangelizador ou até mesmo religioso. No entanto, assistimos, progressivamente, a uma assunção, mais ou menos manifesta, de que na esfera de ação da SBBE se justapunha à simplicidade do seu objetivo a grande complexidade dos efeitos da concretização do mesmo. A circulação das Escrituras não se resumia à sua mera distribuição, mas envolvia um processo de divulgação e receção que a SBBE procurou também desde cedo acompanhar, quer a nível doméstico, quer a nível internacional.

Na história da SBBE em Portugal, desempenhou também um importante papel, enquanto base de trabalho, mas sobretudo enquanto fonte de motivação,

86 A Agência da SBBE em Lisboa fez circular, desde o ano do seu estabelecimento, em 1864, e até 1940, 2 951 211 volumes, sendo que se juntar a este número a circulação pré-Agência se atingem os 2 976 979 exemplares difundidos.

uma certa ideia que se estabeleceu e desenvolveu em relação ao país e ao seu “estado religioso”.

A SBBE conferia às Escrituras um estatuto específico, definindo-as claramente enquanto instrumento de acesso à Graça e aproximando-se doutrinariamente, por essa via, de um cristianismo de tendência não-conformista⁸⁷. Tendo procurado desde a origem dinamizar a sua natureza interdenominacional e enfatizando repetidamente o seu projeto “catolicizante”, a SBBE assumiria também sucessivamente, no seu discurso oficial e no de muitos dos seus colaboradores, uma posição assente na confiança radical na Graça de Deus. A ênfase no carácter totalizante dos textos bíblicos enquanto mecanismo de acesso à salvação foi inteiramente assumida e reproduzida pela maioria esmagadora dos interlocutores da SBBE em Portugal. Com vários exemplos antes do estabelecimento da Agência, aquele discurso foi desenvolvido e consolidado depois de 1864, com os diversos Agentes em Lisboa e os sucessivos Relatórios sobre Portugal a reproduzir e sintetizar essa componente teológica fundamental.

Num contexto como o português, onde os colportores enfrentaram muita oposição, o valor operacional das Escrituras foi demonstrado sobretudo através da sistematização de exemplos da ultrapassagem dos obstáculos, procurando-se por esse meio destacar o “poder” transformador do Livro. A destruição de muitos volumes da SBBE distribuídos em Portugal, rasgados ou queimados, deu muitas vezes lugar a relatos de indivíduos que, encontrando apenas parte ou até uma página da Bíblia acabariam por chegar ao processo de conversão. No âmago daquela análise sobre o papel da Bíblia e a importância da sua “simples” distribuição, estava um elemento teológico fundamental – a questão da Graça – que era perspectivada como operacionalizando aquele processo de transformação, considerando-se precisamente que a graça de Deus, pela Palavra, tinha o poder de converter⁸⁸. Essa conversão, traduzida muitas vezes na sua componente estritamente religiosa, integrava também um processo mais lato, centrado precisamente naquela capacidade transformativa das Escrituras.

87 Aquilo que alguns autores anglo-saxónicos designam como uma preponderância do “evangelicalism” (Cf. Leslie Howsam – *Cheap Bibles...*, p. 31), ele próprio um movimento em mutação ao longo do séc. XIX.

88 A postura que a SBBE e seus representantes foram assumindo ao longo da sua história em relação ao papel da Bíblia no processo de conversão e, nesse contexto, ao problema teológico da Graça, mais próximas em termos doutrinários de certas correntes calvinistas e não-conformistas, foi objeto de críticas contundentes desde o período da formação da Sociedade, no âmbito do qual, e sobretudo no contexto doméstico, aquela discussão se colocou com especial acuidade. O princípio do livre acesso e da livre-interpretação das Escrituras não era, portanto, um valor absoluto em todo o universo reformado, assumindo contornos e limites diferenciados entre as diferentes denominações que o compunham, razão pela qual constituiu precisamente um dos grandes temas das controvérsias da fase inicial da história da SBBE. A manutenção de certos apontamentos teológicos e posições doutrinárias na correspondência dos colaboradores da SBBE e na documentação publicada nos seus Relatórios anuais ao longo do século seguinte, materializou de certa forma a vitória de determinadas posições em detrimento de outras.

Tendo como objetivo único, sucessivamente adjetivado como “simples”, a distribuição dos textos bíblicos, a SBBE acrescentava à dinamização desse propósito uma dimensão de integração da experiência cristã, através do sentido universalizante da sua ação. Pretendia-se que pela via da portabilidade daquele objeto se chegasse à universalização do acesso à Bíblia e à disseminação generalizada do conhecimento bíblico, o que de facto produziria um forte impacto, não apenas religioso, mas também cultural. A posição de princípio adotada e sucessivamente repetida e publicitada pela SBBE relativamente ao poder e eficácia da simples distribuição da Bíblia assumiria, no entanto, gradações significativas ao longo da sua história em Portugal, sobretudo pela via da multiplicação e diferenciação de discursos que compunham o seu universo de colaboradores no país, sendo que progressivamente se assistiu a uma diversificação de intencionalidades que procurando tendencialmente concretizar-se em conformidade com aquele princípio fundamental compuseram também os diferentes estratos e dinamizaram os diversos conflitos que estruturaram o complexo processo de implementação da Sociedade Bíblica em Portugal.